

PELA VOZ DA CRIANÇA: TENSÕES E CONTRADIÇÕES SOCIAIS EM ANGOLA E GUINÉ BISSAU

Maria Cesalânia Pereira Dos Santos¹, Andrea Cristina Muraro²

Resumo: Na maioria das sociedades é sempre o mais-velho a figura representativa da experiência e do respeito; a sua voz é atribuída um valor quase sagrado. Por outro lado, para as crianças também há um diferente papel de representação nessa hierarquia. Assim, a voz da criança, na obra do cabo-verdiano Jorge Araújo e no texto literário do escritor angolano Ondjaki, chama atenção o modo pelo qual leitores e críticos literários analisam o discurso e a representação da infância. Desse modo, este trabalho tem por objetivo inicial analisar como os narradores, ao lado dos autores, apresentam no contexto da guerra civil nas obras *O Comandante Hussi* (2009) e *A bicicleta que tinha bigodes – histórias sem luz elétrica* (2012). Para isso, a metodologia baseia-se na leitura preliminar das obras, observando os pontos de tensão no discurso das vozes infantis ao longo das narrativas, fundamentada na leitura crítica especializada. Assim, espera-se mapear a representação da infância perante os contextos das guerras civis. Em hipótese inicial, revela-se que a voz infantil denuncia as tensões e contradições sociais, diante do que entende como sociedade, considerada adulta e experiente, para o manejo sentimental e político de tais situações, a saber: a carência de bens materiais nos espaços físicos de ambos os países, Angola e Guiné Bissau.

Palavras-chave: Infância. Ondjaki. Jorge Araújo. Literatura Angolana. Literatura Guineense.

INTRODUÇÃO

Pela literatura é possível criar inúmeras interpretações verossímeis das realidades, sejam elas com um cunho mais biográficos, sejam mais ficcionais. Embora, o texto literário não represente e nem tenha a pretensão de representar a realidade exatamente como ela é, uma vez que o representar está atrelado a questões como: Quais as intenções por traz de quem discursa? De onde se está falando? Quem está falando? E quais as ideologias e crenças de quem está falando? Ou seja, representar ou descrever

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, e-mail: cesalaniafotos@gmail.com

² Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, e-mail: muraro@unilab.edu.br

uma das visões de um determinado acontecimento, dependerá do lugar que o sujeito que narra ocupa na sociedade.

E não é por acaso que a visão de muitos ocidentais sobre o continente africano é distorcida e estereotipada, ora “ a historiografia eurocentrada silenciou a história africana, apropriando-se da cronologia, iniciando a contagem da história na África com a chegada dos navegadores europeus” (AUGEL, 2007, p.59). Ou seja, os portugueses tinham um propósito quando “descobriram” as terras e ao se apropriarem delas usaram e propagaram o discurso da civilização e salvação para se beneficiar economicamente em países como Angola e Guiné Bissau. Assim, só a partir de então essas terras “descobertas” passaram a existir nos mapas e na percepção dos ocidentais.

Logo, as literaturas cabo-verdiana e guineense tornaram-se um grande instrumento na luta de libertação durante o regime colonial português e continuam sendo um lugar de protesto, representação de ideias e sentimentos. É através delas que, depois das independências, os autores denunciam as injustiças, a miséria, as insatisfações pelas lideranças políticas, e mostram, através da arte os anseios por mudanças, que foram projetadas no discurso da geração da luta de independência e que ainda não se concretizaram para a maioria da população.

Assim sendo, partindo do pressuposto do contexto acima exposto, este trabalho tem com finalidade analisar como os autores representam, através do discurso e representação da infância, no contexto de guerra civil em Angola e Guiné Bissau entre o final da década de 80 e 90.

METODOLOGIA

A metodologia desse trabalho foi o levantamento bibliográficos e na leitura preliminar das obras, observando os pontos de tensão no discurso das vozes infantis ao longo das narrativas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aos mais-velhos, principalmente nas sociedades africanas é atribuído um enorme respeito pelas suas sabedorias e ensinamentos. No entanto, nessa hierarquização

as crianças têm um papel de representação diferente dos idosos, enquanto no mais-velho “ já viveram quadros de referências familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem. ” (BOSI, 1994, p.60); enquanto que na infância, ou na representação das personagens crianças a experiência é em estado bruto e intenso, que no caso das obras em análises revela-se muito mais pelas relações da trama e seu contexto histórico.

Deste modo, na obra *A bicicleta que tinha bigodes- estórias sem luz elétrica* (2015), assim como em outras obras do autor angolano, a criança apresenta-se como foco principal. É através das suas narrativas que vivenciam-se peripécias e a aventura da vida infantil. Vale lembrar que por mais que o personagem seja uma criança quem lhe deu voz, foi um adulto (autor). Diante do olhar adulto, a infância chega a parecer distante e quase inventada. Memória e invenção podem ser confundidas nas interpretações, não havendo mais limites entre o terreno de uma e de outra. Desta forma, a narrativa que Ondjaki escreve parece, para o leitor, que uma criança, no mundo real, está contando uma das suas aventuras, sendo essa, em hipótese, a técnica de construção do texto. Desta maneira, os relatos personificam a experiência infantil, se feita uma leitura da superfície, a imagem de inocência e de uma infância feliz, mesmo no espaço cercado pela guerra civil, acaba sendo preponderante.

Logo nas primeiras páginas, apresenta-se a situação material em que vive o menino “era um concurso nacional com primeiro prêmio uma bicicleta colorida que já apareceu na televisão, mas nesse dia na nossa rua não havia luz” (ONDJAKI, 2012, p.10). Em suma, vale ressaltar a tensão – amenizada pelo humor e sentido lírico - que muitas vezes decorre do que há dentro de algumas casas, o espaço interno, como o “gerador”, por exemplo, ou televisão, ou até mesmo a própria geladeira e o espaço externo degradado – da rua e calçada esburacada, carros destruídos ou avariados. Na obra, os espaços da narração são compostos pela perspectiva do contraste entre o discurso, i.e., o que dizem adultos e crianças. Portanto a representação de infância encontradas na obra do escritor Ondjaki ilustra a possibilidade do lúdico em meio ao caos da guerra. Ele traz em suas narrativas alegria, poesia, com personagens infantis que recuperam o simbolismo da

esperança. Entretanto, também apresenta elementos como violência, luto ou dominação que é amenizada pela sutileza dos personagens em que a infância está entrelaçada com o sonho e beleza no espaço duplo em que, ora aparece positivamente como utopia, ora aparece negativamente como distopia.

Assim como Angola, Guiné Bissau enfrentou contínuas lutas para erguer a nação. O país passou por sucessivos golpes militares que desestabilizou a política e economia dos guineenses. A exemplo disso foram os onze meses de guerra civil em 1998. É nesse contexto histórico de onze meses de guerra civil que o jornalista tenta mostrar, através do texto ficcional, a vida de quem precisou se refugiar para o interior de Bissau e daqueles que pegaram nas armas. No contexto da obra *Comandante Hussi* (2009), o golpe é representado quando um ex-combatente de guerra, que morava em uma casa afastada da cidade e que tinha feito dela seu próprio exílio, resolveu sair para ver o que estava acontecendo, uma vez que, a população estava tão revoltada com o governo e pedia para ele, como combate que foi, solucionar as injustiças depois que notou a escassez de alimentos, educação, saúde para com aqueles que esperavam que essas metas não fossem utopias, e foi então que decidiu que “ A Guerra do Balão começa hoje”(ARAÚJO, 2009, p.31).

A representação da bicicleta aparece como objeto símbolo da infância. Assim, como acontece na obra de Ondjaki, esse objeto está ligado a memória da época de meninice, de criança. Uma fase considerada pela ingenuidade, inocência, pureza, mas para os dois garotos protagonistas essa simplicidade só foi possível permanecer, no contexto de guerra, por que a bicicleta simboliza os anseios da infância.

CONCLUSÕES

Buscou-se nesse artigo verificar, através do discurso literário, a representação de pontos conflitantes socioeconomicamente em obras de literatura guineense e angolana. E foi através do texto literário que se observam as nuances de tensões e contradição da guerra civil nesses dois países, muitas vezes ainda como rescaldo das práticas coloniais.

Ambos os autores utilizam na narrativa uma linguagem criativa, intercalada com o humor e exagero ao tecerem a crítica aos momentos históricos específicos em seus

respectivos países. Ainda é possível notar uso das comparações e metáforas do cotidiano como em “O peso da responsabilidade deve alimentar-se de queijo. De queijo suíço cheio de buracos por onde passam algumas lembranças. ” (ARAÚJO, p.37) ou na ficção de Ondjaki, que com toda sua leveza conta-nos os pesados fatos de uma guerra civil: “[...] se a água não viesse, minha Avó, que é muito engraçada, regava mesmo assim, (...) ficava bué³ de tempo “a regar só”. (p.39-40).

Deste modo, é possível ver como os autores Jorge Araújo e Ondjaki captam para suas narrativas o drama de quem vive no contexto de guerra civil, em especial as crianças, permitindo conjecturar e especular quais as dinâmicas culturais presentes em tais sociedades, revendo, através do objeto artístico, dados da memória coletiva e os conflitos do processo social.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Profa. Dra. Andrea Cristina Muraro por ter acreditado no meu potencial acadêmico e ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da UNILAB por ter financiado essa pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Jorge. **Comandante Hussi**. 2.ed. Ilustrações de Pedro Sousa Pereira. São Paulo: Editora 34, 2009.

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombro**. Nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ONDJAKI. **A bicicleta que tinha bigodes**. Editora: Pallas, 2012.

TEIXEIRA, Ricardino Jacinto Dumas. **Cabo Verde e Guiné-Bissau: as relações entre sociedade civil e o estado**. Recife: Ed. do autor, 2015.

WHEELER, Douglas; PÉLISSIER, René. **História de Angola**. Tradução de Pedro Gaspar S. Pereira e Paula Almeida. Lisboa: Ed. Tinta da China, 2013.

³ Muito.